



## “O MEDO E A ESPERANÇA, EUROPA: A CRISE GLOBAL E AS MEDIDAS NECESSÁRIAS PARA A ULTRAPASSAR”, POR GIULIO TREMONTI

FRANCISCO RENTE NUNES<sup>1</sup>

### RESUMO

Analisando o pensamento de Giulio Tremonti sobre a crise económica de 2008, podemos compreender o quanto a globalização influenciou as consequências sentidas na União Europeia. Ao longo do texto, iremos analisar a dicotomia do medo e da esperança provocados pela crise, pondo em evidência quais os aspetos que levaram a uma crise económica e social. As soluções apontadas pelo autor ainda estão por realizar, sendo pertinente um olhar atento sobre as mesmas.

**Palavras-chave:** Globalização, Crise económica, Geopolítica, Europa no mundo.

### ABSTRACT

*“Fear and Hope, Europe: The Global Crisis and Measures Needed to Overcome”, by Giulio Tremonti.* Analyzing the thinking of Giulio Tremonti on the economic crisis of 2008, we can understand how globalization influenced the consequences felt in the European Union. Throughout the text, we will analyze the dichotomy of fear and hope provoked by the crisis, highlighting the aspects that led to an economic and social crisis. The solutions pointed out by the author still have to be realized, being pertinent a close look on them.

**Keywords:** Globalization, Economical Crisis, Geopolitics, Europe in World.

---

Histórico do artigo: recebido em 15-03-2018; aprovado em 26-04-2018; publicado em 08-05-2018.

<sup>1</sup> Licenciado e Mestre em Estudos Europeus pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra, Portugal. E-mail: [francisco.rente.nunes@gmail.com](mailto:francisco.rente.nunes@gmail.com).

Pode um ex-ministro da Economia e das Finanças de Itália, um dos homens fortes de Berlusconi, ter ideias ousadas sobre a globalização e propor medidas que ponham em risco a utopia do mercado, tão dominante entre as forças conservadoras europeias? Não será uma provocação escrever um livro intitulado *“O Medo e a Esperança. Europa: A Crise Global e as Medidas Necessárias para a Ultrapassar”*, afirmando abertamente que a utopia “mercadista”<sup>2</sup> é uma pura aberração e que esta deve ser substituída por medidas adequadas? Esta obra de Giulio Tremonti, atual representante da Lombardia no Senado Italiano, teve como propósito a análise económico-social da crise financeira de 2007/2008.

Como analisa Tremonti a sociedade atual?

Não podemos negar os tempos duros que tivemos pela frente desde 2007, com a subida do preço dos alimentos, do valor do dinheiro, do petróleo e das mercadorias. Em pouco mais de 10 anos, mudou-se a estrutura e a velocidade do mundo. Os países asiáticos, com cerca de mil milhões de pessoas que viviam numa quase autossuficiência, querem agora padrões de consumo semelhantes à sociedade ocidental – os chineses consumiam em 1989, em média, 20 kg de carne por ano, passando a consumir, em 2008, mais de 50 kg. Este é o lado visível da globalização, mas há outros fatores: as novas tensões geopolíticas, a crise financeira e o desastre ambiental. Ao longo de várias décadas, a “sociedade de consumo” nunca se imaginou a regressar ao fantasma da pobreza, mas, aos poucos, ele começou a pairar por toda a parte.

Transformámo-nos numa sociedade que se orienta por símbolos e que valoriza o estatuto supostamente dado pelas marcas de prestígio, mudando permanentemente de ícones, entusiasmando-se com acrónimos e totens: Apple, Google, Instagram, Facebook, Twitter, Disco, Techno... Onde tudo entra e sai do mercado num frenesim compulsivo. Um dos mitos dominantes do nosso tempo é o da supremacia da economia de mercado, que é senhora absoluta da nossa existência, dando valor e história à sociedade ocidental.

---

<sup>2</sup> O autor concebe este termo como definição de “utopia-mãe da globalização”.

Como caracteriza este político o medo?

O medo, segundo Tremonti, emergiu das profundezas misteriosas do capitalismo financeiro, naquele agosto de 2007. O que parecia ser uma crise cíclica, uma pequena turbulência rapidamente domesticável, transformou-se no pesadelo das intervenções estatais e nos bancos falidos ou em vias de falência. Hoje, já se conhece melhor a perversão a que nos conduziu o sistema financeiro: graças às novas tecnologias financeiras, os operadores iam “transferindo para terceiros os seus riscos” (Tremonti, 2008, p. 20), com o objetivo de maximizar os lucros. Assim foi com a crise do *subprime*, os empréstimos de risco concedidos nos EUA, que se repercutiram no resto do globo. O medo passa por esta surpresa e esta impotência perante o lado menos positivo da globalização.

Somos igualmente confrontados com novas formas de globalização que não entendemos: como o caso da aproximação da China com a América, como se o centro do mundo tivesse passado para o Pacífico. Mas, com o desenrolar dos tempos, verificamos que o que Tremonti defendia no primeiro caso, esta aproximação que formaria a “Chimérica” (Tremonti, 2008, p. 26), já não é uma realidade desde a eleição de Donald Trump como Presidente dos Estados Unidos da América, que com a sua política isolacionista, fez retroceder esta possibilidade. Também no que se refere à posição dos EUA em relação ao Pacífico, houve mudanças com a saída deste do Acordo Comercial Trans-Pacífico<sup>3</sup>.

Acresce a isto, que a China não está interessada em cometer o mesmo erro da antiga União Soviética, de querer entrar na corrida ao armamento e competir no plano militar. A China não quer ser uma força ideológica expansiva; ao invés, pretende ser uma força económica com um grande mercado interno e uma grande capacidade exportadora, um investidor global desde o Golfo Pérsico até à América Latina (Tremonti, 2008, pp. 33-34).

Ganhámos a plena convicção que o “Velho Continente” perdeu velocidade e que é cada vez menos influente. A nossa impotência acentua-se porque não sabemos

---

<sup>3</sup> Faziam parte deste acordo: Japão, Austrália, Canadá, México, Peru, Chile, Malásia, Vietname, Nova Zelândia, Singapura e Brunei. As negociações tinham começado em 2011 durante a administração Obama e, já havendo um pré-acordo entre as partes, os EUA decidiram abandoná-lo. Sobre este assunto ver: <https://www.nytimes.com/2017/01/23/us/politics/tpp-trump-trade-nafta.html>

qual a melhor atuação contra o aquecimento global e porque não sabemos como agir perante a procura incessante de energia da China e da Índia. As estimativas em 2008 sobre as emissões de dióxido de carbono preveem que estas irão aumentar em cerca de 60% até 2030. Os grandes responsáveis serão os EUA, a China, a Rússia e a Índia. O impacto do aquecimento global será mais catastrófico nas zonas áridas ou semiáridas da África e da Ásia.

Para colmatar esta situação, a Organização das Nações Unidas promoveram a celebração do Acordo de Paris, em dezembro de 2015, onde os maiores poluidores mundiais se comprometeram a baixar os níveis de poluição que emitiam para a atmosfera, com objetivo de limitar a subida da temperatura global até 1,5 graus Celsius. Embora tenha existido este esforço por parte dos estados, a atualidade mostra-nos que o quadro acima previsto pode manter-se, uma vez que Donald Trump retirou os EUA do Acordo de Paris<sup>4</sup>.

Compreendemos, assim, que já não é a Europa a mudar o mundo, é o mundo a mudar a Europa. Caiu o Muro de Berlim e a Organização Mundial do Comércio é o símbolo da liberdade para todo o mercado. O “Deus-Mercado” tornou-se temível devido a várias exigências: de satisfazer os consumidores, de ter cada vez mais coisas nos supermercados, de ter bancos cada vez mais poderosos que ameaçam, em caso de falência, arrastar as economias nacionais e as poupanças dos pequenos e médios investidores. Enfim, o medo de uma globalização feita de *dumping*, dependência energética, populações envelhecidas, sistemas de segurança social quase falidos e sociedades em desagregação.

Então, onde fixar a esperança?

Tremonti recorda-nos que o primeiro pensamento político organizado foi expresso por Platão, na sua obra *República*. A crise que estamos a viver é mais social-moral e menos económica: passámos a existir para consumir e brincámos perigosamente com o respeito pela coesão familiar, a aceitação da identidade, da diversidade, dos valores locais e regionais e do primado do religioso.

---

<sup>4</sup> Para uma melhor perceção deste assunto, consultar: <http://visao.sapo.pt/actualidade/mundo/2017-06-01-EUA-abandonam-Acordo-de-Paris.-E-agora->

Para escapar a esta crise global e reconstruir a esperança, o autor propõe a redefinição do sistema de valores, incluindo: a família e a identidade, um novo consenso sobre a autoridade e a ordem, a aceitação da responsabilidade e o primado do federalismo. Exalta, então, o trabalho voluntário e reivindica uma União Europeia refeita com novos sonhos políticos. Sugere novos rumos para a construção europeia e dá sugestões como: mais poderes para o Parlamento Europeu; reformulação do “grande espaço atlântico”; uma grande união comercial entre a Europa e os EUA<sup>5</sup>; uma nova *Bretton Woods* que se estenda desde os câmbios monetários à defesa do ambiente e às cláusulas sociais, de modo a controlar os mercados financeiros. Acrescenta também a criação de uma política industrial europeia, um plano europeu de investimentos públicos e privados e uma taxa capaz de dar mais esperança aos países, sobretudo do continente africano.

Neste sentido, Anthony Giddens, na sua obra *A Europa na Era Global* (2007), refere que os países europeus, para se adaptarem às mudanças, precisam de um equilíbrio entre o crescimento económico e a proteção social.

Perante estas propostas e analisando-as segundo a atualidade, verificamos que muitas delas ainda não se cumpriram, mesmo que se tenham perspetivado esforços neste sentido. Assim, compreende-se que existe um longo caminho a percorrer e uma urgente mudança do paradigma europeu e mundial.

O livro de Giulio Tremonti não deixa de ser surpreendente. Numa altura em que a imagem que os partidos de direita passam é a de exigir muito menos intervenção do Estado e mais liberdade de mercado, menos proteção social e mais sucesso do indivíduo, este homem de direita traz soluções diferentes. Referindo resoluções para a crise ambiental, para superar a crise económica e recuperar as raízes da identidade europeia. É interessante lê-lo e entendê-lo porque, afinal, dentro das forças da direita, há quem seja convictamente europeu e apele à justiça social. Não podemos ficar indiferentes às propostas de Giulio Tremonti.

---

<sup>5</sup> Houve conversações entre os EUA e UE no sentido de se obter o Acordo de Parceria Transatlântica de Comércio e Investimento (TTIP, em inglês), mas não foi efetivado. Para saber mais sobre o assunto, ver: [https://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/falhou\\_acordo\\_para\\_tratado\\_comercial\\_eua\\_uniao\\_europeia](https://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/falhou_acordo_para_tratado_comercial_eua_uniao_europeia)

## BIBLIOGRAFIA

- BAKER, P., 2017. Trump Abandons Trans-Pacific Partnership, Obama's Signature Trade Deal. *New York Times*, [em linha]. 23 de janeiro. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/01/23/us/politics/tpp-trump-trade-nafta.html> [Consultado em 19 de janeiro de 2018].
- GIDDENS, A., 2007. *A Europa na Era Global*. 1.ª ed. Lisboa: Editorial Presença.
- JORNAL DE NEGÓCIOS, 2016. Falhou acordo para tratado comercial EUA-União Europeia. *Jornal de Negócios*, [em linha]. 28 de agosto. Disponível em: [https://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/falhou\\_acordo\\_para\\_tratado\\_comercial\\_eua\\_uniao\\_europeia](https://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/falhou_acordo_para_tratado_comercial_eua_uniao_europeia) [Consultado em 1 de março de 2018].
- PEREZ, F., 2017. EUA abandonam Acordo de Paris. E agora? *Visão*, [em linha]. 1 de junho. Disponível em: <http://visao.sapo.pt/actualidade/mundo/2017-06-01-EUA-abandonam-Acordo-de-Paris.-E-agora-> [Consultado em 23 de fevereiro de 2018].
- PLATÃO, 2001. *A República*. 14.ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- TREMONTI, G., 2008. *O Medo e a Esperança. Europa: A Crise Global e as Medidas Necessárias para a Ultrapassar*. 1.ª ed. Lisboa: Editorial Presença.